



Vida e obra tragicamente contraditórias de Friedrich Nietzsche

Life and shell-work tragically contradictories of Friedrich Nietzsche

Paulo Dante Fornazier Leles Filho¹
Sueli Teresinha de Abreu Bernardes²

Resumo

Resultado de uma pesquisa interdisciplinar em andamento, este artigo tem como finalidade apresentar uma análise biográfica e conceitual da vida e da obra de Friedrich Nietzsche por meio de uma leitura hermenêutica. Para isso, aspectos desde sua infância foram considerados para a melhor apreensão de sentidos que podem ter contribuído para a construção de sua personalidade e de seus posteriores conceitos. Além de sua infância, um momento de igual importância que teve especial enfoque foi sua formação escolar e acadêmica, uma vez que por meio destas o filósofo alemão tem seu primeiro contato com conteúdos e temáticas que lhe guiarão durante toda a vida. As contradições vividas por Friedrich Nietzsche foram também colocadas sob a luz da reflexão e investigação, tendo em vista sua grande contribuição para a formação de um filósofo que se daria como aquele que tudo destrói (filósofo do martelo). Ao final, é propõe-se expor a decadência tida pelo filósofo alemão até sua morte, bem como as consequências causadas por tal ocorrência.

Palavras-chave: Friedrich Nietzsche. Biografia. Interdisciplinaridade.

Abstract

Fruit of an interdisciplinary research in progress, this article aims to propose a biographic and conceptual analysis about Nietzsche in your life and work. For this, aspects since his childhood has been considered for a better apprehension of senses which can have contributed to build his personality and his hinder concepts. Beyond his childhood, an important moment which had a special focus was his scholar and academic education, since through them the German philosopher had his first contact to contents which will guide him for all his life. The contradictions lived for Friedrich Nietzsche has been investigated and reflected, for their huge contribution for drives a philosopher which would be that one who everything destroy (philosopher of the hammer). At the final is proposed to expose (by a detailed way) the decadence taken by the German philosopher until his death, as well as the consequences caused for that occurrence. In the entire article the guest card of his family, friend, admirers, and objectors is considered essential in the constitution process of Nietzsche's personality.

Keywords: Friedrich Nietzsche. Interdisciplinarity.

1 Introdução

Este artigo tem como finalidade a compreensão de aspectos da filosofia de Friedrich Nietzsche ao longo de sua vida e como se construíram neste período de espaço e tempo. É importante clarificarmos a não intenção do presente artigo em esgotar todas as teorias nietzschianas de grande importância, ou mesmo desenvolver suas ideias de maneira acabada e conclusa.

Para que possamos compreender a visão de Friedrich Nietzsche sobre o homem em sua complexidade, sobre a Alemanha em sua inércia criativa, sobre a educação em sua decadência conservadora, bem como sobre a arte em sua essência perdida; é necessário que busquemos, anteriormente, nos apropriarmos de acontecimentos da vida do filósofo alemão, com o intuito de apreendermos sentidos de como o meio em que viveu o guiou para refletir, analisar, criticar e, posteriormente, escrever sobre diversas temáticas.

¹ Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba (UNIUBE) e membro do Núcleo de Estudos sobre o Professor, a Arte e a Filosofia (NEPAFi). Professor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da mantenedora Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP).

² Doutora em Educação, membro do Círculo Latinoamericano de Fenomenologia, da Association Internacionale Gaston Bachelard e da Rede de Pesquisadores sobre o Professor do Centro-Oeste. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIUBE. Contato: paulofornazier.br@gmail.com

Além do mais, será possível percebermos que Nietzsche moldou-se, transformou-se e opôs-se a seus próprios pontos de vista ao longo de sua vida a partir dos acontecimentos que o possibilitaram a realizar uma diferente análise do mundo e da realidade em que vivia. E dentro dessas próprias inconstâncias, é viável considerarmos a morte de seu pai como o principal acontecimento que levará Nietzsche a construir uma personalidade voltada ao deslocamento constante e à ausência de um ponto de referência moral.

A metodologia utilizada para a composição do presente artigo em sua investigação sobre a vida do filósofo alemão foi tida por meio de uma perspectiva fenomenológica hermenêutica. Tal metodologia foi de suma importância para a apreensão de diversos sentidos sobre conceitos da filosofia nietzschiana a partir de sua própria vivência.

Assim, interrogando o fenômeno, que se apresenta como a própria vida de Nietzsche, por meio de interrogativas sobre a origem dos conceitos nietzschianos, foi tecido, gradativamente, o corpo do artigo, no qual priorizou a apreensão de sentidos que iam se desvelando a partir das perguntas feitas ao fenômeno. Dessa maneira, considerando a metodologia fenomenológica hermenêutica, ser-nos-ia impossível abrangermos todos os sentidos possíveis neste artigo, uma vez que o processo interrogatório não se conclui.

Para que a trajetória investigativa pudesse realizar-se teoricamente, foi tomada como referência a obra “Nietzsche: uma biografia” do escritor, biógrafo e tradutor Reginald John Hollingdale (2015), e obras do próprio filósofo. Por meio desse estudo biográfico foi possível obter suporte e apoio teórico para que, à medida que o fenômeno fosse interrogado, este pudesse servir como uma das possibilidades centrais da pesquisa.

Tendo sua primeira obra completa publicada em 1872, Nietzsche viveu em meio a acontecimentos históricos de uma Alemanha em processo de unificação, por meio da figura de Otto von Bismark, primeiro-ministro empossado por rei Guilherme I da Prússia, o qual realizara três guerras de grande abrangência (DRIJARD, 1972, p. 129).

Tais movimentos político e militar, em meados de 1860, fizeram com que Nietzsche em 1865, à época, aluno de Filologia na Universidade de Bonn, estivesse em meio a uma agitação cada vez mais voltada ao nacionalismo exacerbado, à ascensão do capitalismo, como também à reação pelo socialismo; movimentos que estarão em emergência não somente na Alemanha como em grande parte da Europa.

Tamanha agitação produziu transmutações nas áreas básicas de toda Europa, como saúde, segurança e, até mesmo, educação. Assim, essas novas configurações chamaram ainda mais a atenção do filósofo alemão, uma vez que se escancarou a maleabilidade de setores públicos para interesse de poucos.

Ao longo da vida, apesar do grande reconhecimento tido pela Universidade da Basileia (instituição que ingressa ainda novo para ministrar filologia clássica), Nietzsche constrói uma barreira cada vez maior com todos a sua volta devido à sua intolerância a discursos moralistas, bem como a reflexões primárias e retrógradas sobre a vida e suas construções social e moral.

Tal ato fizera com que as ideias de Nietzsche pudessem ser consideradas a sua própria biografia, uma vez que, passadas ao papel (seu maior companheiro), estas revelavam o cotidiano de Nietzsche em suas viagens e andanças pela Europa em busca de inspiração, calma e introspecção.

2 A infância de Nietzsche

Nascido em 1844, Friedrich Wilhelm Nietzsche (tendo o sobrenome Wilhelm retirado pelo próprio Nietzsche posteriormente) teve uma infância bucólica e tranquila ao lado da figura da mãe e do pai e pastor Carl Ludwig Nietzsche, um homem de coração grande e puro, que ainda era admirado pelo futuro filósofo como um grande leitor e pianista improvisador, sendo, sem sombras de dúvida, inspiração para Nietzsche compor sua própria personalidade e sua subsequente filosofia.

Entretanto, em 1849, aos 36 anos de idade, o Pastor Nietzsche veio a falecer após o desenvolvimento de uma doença que rapidamente o levou a óbito, deixando seus três filhos (Nietzsche, Ludwig Joseph e Elisabeth Förster-Nietzsche) e sua esposa Franziska Ernestine Rosaura Nietzsche (HOLLINGDALE, 2015, p. 24).

Apesar da pouca idade de Nietzsche, a morte de seu pai foi sentida indubitavelmente de maneira tão abrupta que, em 1888, em sua obra *Ecce Homo* (39 anos depois do falecimento), Nietzsche, ainda com lembranças de seu pai, escreve: “Meu pai morreu aos trinta e seis anos; era terno, afável e mórbido, como um ser predestinado à transiência – foi mais uma benéfica recordação da vida do que a própria vida” (NIETZSCHE, 2008, p. 12).

A grande marca negativa e traumática na vida de Nietzsche logo no início foi acrescentada pela morte súbita de seu irmão mais novo Ludwig Joseph, de apenas dois anos de idade, no início de janeiro de 1850. Análogo ato fez com que diminuísse ainda mais a estabilidade emocional da família já abalada.

Dias depois, Franziska recebe um comunicado em nome do presbitério para que a família pudesse se mudar o quanto antes, tendo em vista a posse do novo pastor naquela igreja. Assim, tendo a avó de Nietzsche fortes laços com a cidade de Naumburg, localizada às margens do rio Saale, decidiu-se que a família mudar-se-ia para lá.

Apesar da mudança de cidade, a movimentação de Naumburg era muito parecida com a de Röcken (sendo igualmente campesina e tranquila). Desse modo, a adaptação da casa não fora um empecilho a mais para Nietzsche, sua mãe e sua irmã. Fora lá que Nietzsche viveu dos seis aos quatorze anos de idade, tendo a possibilidade de entrar em contato, pela primeira vez, com o grego e o latim, após ser transferido para uma escola particular.

Mediante seu alto desempenho na escola municipal preparatória privada, Nietzsche recebe uma bolsa para estudar em Pforta³, deixando assim Naumburg e sua família no fim do período letivo (verão de 1858). Ele inicia seus estudos no dia 5 de outubro do mesmo ano (HOLLINGDALE, 2015, p. 32).

Sua mudança é de grande relevância e valor para a formação de sua personalidade, pois naquele momento, Nietzsche realizava uma transição de uma pacata cidade para uma cidade significativamente maior, alterando uma rotina com a qual estava acostumado. Além disso, foi lá que o futuro criador de Zarathustra desenvolveu problemas de visão, os quais contribuem para a formação de uma personalidade mais reservada no futuro, problemas esses que lhe acompanharão durante toda sua vida por meio de dor de cabeças e dificuldades visuais, impossibilitando-o de praticar esportes, bem como servir ao exército como soldado.

Inicia nova rotina na nova cidade e na nova escola, rotina esta que se iniciava levantando diariamente às quatro horas da manhã e somente finalizando às nove horas da noite. Nietzsche propõe desistir de sua vida escolar após algum tempo.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo adolescente Fritz após o período conturbado de adaptações e novas experiências, este se torna um aluno exemplar nas matérias que a escola mais prezava: grego e latim.

É importante percebermos que tais matérias, na cidade de Pforta (cidade a qual fazia Nietzsche respirar mais cultura da antiguidade grega e romana do que da Alemanha moderna), serão para Nietzsche o pontapé inicial para que este possa iniciar a desvelar novos conhecimentos e sentidos sobre mundo, educação, arte, bem como sobre si próprio, os quais se revelarão em escritos e obras, tais como “O Nascimento da Tragédia” (1992).

3 A base de um grande filósofo

Aos 15 anos, Nietzsche inicia anotações sobre as poesias em sua vida, inspirado na figura de Humboldt⁴, o qual despertou em Nietzsche, segundo ele próprio, o gosto pela poesia. Esse envolvimento do estudante de Pforta com textos poéticos contribuirá de forma muito significativa para a construção do estilo de Nietzsche ao escrever sua filosofia, preferida de forma simples, sonora e, em grande parte, por meio de aforismos.

Em 1861, Nietzsche volta-se rapidamente à religiosidade no período da Páscoa, aos seus 17 anos, por meio de uma cerimônia de confirmação com a qual estava envolvido. Entretanto tal entusiasmo e empolgação logo se dissiparam, levando Nietzsche pouco tempo depois a considerar a religião como produto da infantilidade humana. Por essa análise, é essencial que análogo momento seja considerado na vida de Nietzsche, para que a compreensão sobre suas futuras teorias antirreligiosas sejam compreendidas, uma vez que o início da década de sessenta marcaria o início dessas manifestações.

Importante ainda se faz ressaltarmos que o estudante Fritz, nessa época, envolve-se inúmeras vezes em bebedeiras promovidas pelos colegas de turma, sendo um dia pego, em flagrante, bêbado, antes do início das aulas. Este envolvimento do (posteriormente) filósofo do martelo pode ser considerado como a introdução de Nietzsche à vida boêmia, a qual o levará, *a posteriori*, a contrair sífilis, doença que lhe acompanhará durante o resto de sua vida, deteriorando sua saúde aos poucos e gerando outros consequentes problemas.

Após o término de seu colegial em Pforta, Nietzsche inicia seus estudos universitários na Universidade de Bonn, em 1864, em Filologia clássica e Teologia. A mudança de ambiente não fizera que o filósofo deixasse suas

³ Internato escolar tradicional localizado fora do perímetro urbano de Naumburg e de grande prestígio por seu ensino histórico-cultural diferenciado.

⁴ Geógrafo, naturalista e explorador, nascido na Prússia (atual Alemanha), viveu de 1769 a 1859. Escreveu a obra “*Examen critique de l’histoire de la géographie du Nouveau Continent*” (Exame crítico da história e da geografia do novo continente) sendo esta certamente o livro que tocara Nietzsche, tanto por suas narrativas de descobertas, quanto por seu próprio ato de estar em constantes viagens pela Europa.

bebedeiras imediatamente. Todavia, após algum tempo, Nietzsche relata que a *Burschenschaft*⁵ não conseguia ser tão atraente e significativa para ele, bem como as próprias bebedeiras e farras; fazendo com que se desligasse pouco tempo depois de tais movimentos estudantis e logo passasse a se tornar mais reservado, voltando-se aos estudos.

Meses após chegar e fixar residência em Bonn, o já crescido Fritz, cada vez mais introspectivo em seus estudos, resolve deixar as aulas de Teologia, já que tais estudos não condiziam mais com o que acreditava. Mediante isso, é importante ainda destacar a negação de Nietzsche ao participar das posteriores Celebrações de Páscoa, mesmo sabendo que os protestantes não deixavam de se reunir em um dia tão especial para a crença cristã. Essas determinadas atitudes de Nietzsche revelam ainda mais um distanciamento do filósofo com teorias e dogmas religiosos, sendo posteriormente criticadas severamente por meio de obras como “Crepúsculo dos Ídolos” (2006), “O Anticristo” (2007) e “Assim Falou Zaratustra” (2011).

Das viagens de Nietzsche enquanto jovem, bem como de suas atividades enquanto estudante, podemos considerar sua partida para Leipzig, em 1865, como o final de sua juventude, momento este finalizado na vida de Fritz por quatro pontos fundamentais: o aprofundamento do filósofo em seus estudos sobre a filologia; o início de sua amizade com Erwin Rohde⁶; o conhecimento da filosofia de Schopenhauer⁷; bem como um início de sua ligação com o compositor musical Richard Wagner, do qual foi grande admirador.

3.1 Reconhecimento e ascensão

Durante sua estadia em Leipzig (1865-1869), Nietzsche desenvolve ainda mais seus estudos filológicos. Na mesma época, chega a apresentar um ensaio sobre Teógnis para Ritschl (figura acadêmica importante na Universidade de Bonn), revelando assim suas primeiras idéias, ainda abstratas e metafóricas, sobre a falácia da democracia, bem como a necessidade de buscar desenvolver-se uma nova forma de aristocracia para a evolução do homem; seguindo-se uma sequência de grandes apresentações e mostras de grande conhecimento, Nietzsche passa a se tornar cada vez mais reconhecido e a ter maior credibilidade no meio acadêmico.

Tal reconhecimento irá se concretizar no momento em que, em 1869, a cadeira de filologia clássica da Universidade da Basileia, na Suíça, fica vaga, sendo Nietzsche convidado por Ritschl para assumir o cargo após este ter sido contatado para sugerir algum nome para o cargo.

O convite feito ao filósofo alemão deu-se principalmente por seu grande esforço e conhecimento sobre a filologia, a qual estudara desde a universidade em Bonn. Friedrich Nietzsche, agora professor universitário, encarregar-se-ia de ensinar grego no Instituto Associado. Entretanto, tendo em vista o cenário político instável na Alemanha, gerado por conflitos do imperador Bismark, Nietzsche ainda buscou a naturalização suíça, para que não houvesse a possibilidade de ser convocado pelo exército alemão. Todavia, com a impossibilidade, torna-se alguém sem nacionalidade.

Após o ingresso de Nietzsche na Universidade da Basileia, é possível perceber, por meio de seus próprios escritos, que devido a intensa rotina de trabalho naquele momento, com vários encargos e funções, o filósofo sentia-se preso e submisso a terceiras vontades e comandos. Naquele momento de inadiáveis compromissos, lembra-se de Schopenhauer, o qual, ao longo de sua vida, não se permitira tornar um produto da vontade e do sistema comandado por poucos.

Apesar do bom relacionamento com o corpo docente, bem como com os discentes da universidade, Nietzsche somente conseguia manter amizade com aqueles que pensavam como ele. Entretanto, com as personalidades mais velhas, o filósofo do martelo buscava uma maior aproximação, mesmo com opiniões divergentes. Esta forma de Nietzsche se relacionar com outros acadêmicos nos possibilita compreender posteriormente a origem de Nietzsche ter se colocado veemente contra Wagner, apesar de serem amigos e admiradores correspondentes.

Faz-se importante ainda considerarmos a chegada de Franz Overback na Universidade da Basileia, meses após o estabelecimento de Friedrich Nietzsche, para assumir a cadeira de Teologia Crítica, uma vez que este será um dos

⁵ Organização estudantil criada na Alemanha entre 1811 e 1815 em defesa inicialmente do nacionalismo e do liberalismo, visando opor-se à posse de território alemão pela França de Napoleão Bonaparte. Posteriormente, tal organização, após o findar de conflitos, conserva-se como grupos identitários para rodas de conversa, bebedeiras, bem como para organização de eventos festivos, nas quais Nietzsche fazia-se presente.

⁶ Condiscípulo e grande amigo de Nietzsche, Rohde foi reconhecido por seu vasto conhecimento da cultura grega. Utilizando-se de tais conhecimentos, faz uma minuciosa análise da obra “O Nascimento da Tragédia” do próprio Nietzsche, para que esta pudesse servir como base de contra-ataque à críticas recebidas.

⁷ Arthur Schopenhauer (filósofo alemão) pelo qual Nietzsche revelará inicialmente um apreço por suas obras.

únicos e permanentes amigos de Nietzsche durante toda a vida. Estava um sempre na presença do outro por meio de correspondências, tendo em vista a futura transição de Nietzsche entre cidades em busca de um melhor clima para sua saúde e filosofia.

3.2 *Males para o bem! (?)*

Em 1871, Nietzsche adoece em consequência da contração de uma sífilis provocada por suas antigas festas e noites de boemia na cidade de Bonn. A partir desse ano, o filósofo de Zaratustra não mais terá sua saúde de forma íntegra, como sempre tivera, sendo, a *posteriori*, permanentemente atormentado por sequelas de tal patologia.

Após uma dessas crises provocadas pela própria sífilis, Nietzsche recebe licença médica, em 15 de fevereiro de 1871, para que pudesse se recuperar em casa, tendo assim até o final do inverno para descansar. É justamente a partir desse interregno acadêmico então que Nietzsche, em companhia de sua irmã Elisabeth em Lugano, inicia a escrita de “O Nascimento da Tragédia” (1992), que viria a ser sua primeira obra.

Em outubro do mesmo ano, em sua ida à Naumburg, Nietzsche realizou uma visita à cidade de Leipzig. Lá conhece Fritzsich, editor responsável para a publicação das obras de Wagner. Ato mais curioso ainda é que Fritzsich será, ao mesmo tempo, a ponte de Nietzsche para conhecer Wagner e o responsável por, posteriormente, publicar sua primeira obra, “O Nascimento da Tragédia” (1992).

Após dado momento, Nietzsche estreita relações e laços com o músico e escritor Richard Wagner, o qual convida o filósofo, em 15 de maio de 1869, para um almoço em sua casa. A admiração do filósofo alemão pelo músico era cada vez maior após vários diálogos e discussões desenvolvidas sobre percepções do mundo.

Havendo tal estima recíproca entre os dois pensadores, Nietzsche chega a escrever uma carta a Gersdorff⁸, em 04 de agosto do mesmo ano, revelando a grandiosidade enxergada na figura de Wagner.

Encontrei um homem que se revela aos meus olhos, como nenhum outro, a imagem do que Schopenhauer chama de “gênio” e totalmente impregnado desta filosofia tão maravilhosamente intensa [a de Schopenhauer]. Não é outro senão Richard Wagner, e não acredite em nada do que os jornalistas e musicógrafos escrevem sobre ele. *Ninguém* o conhece nem pode julgá-lo porque o mundo todo está numa posição diferente da dele e fica desorientado em sua atmosfera. Nele reside um idealismo tão intransigente, uma humanidade tão profunda e comovente, uma seriedade de propósitos [Lebensernst] tão exaltada, que perto dele me sinto perto do Divino. (HOLLINGDALE, 2015, p. 80-81).

É possível perceber, por meio dessa carta, que Nietzsche não somente admirava o músico alemão, como também se espelhava nele para poder refletir sobre temáticas que já tinha conhecimento inicial. É com base nesse espelhamento que Nietzsche encontra alicerce para desenvolver a ideia de que o teatro grego e suas expressões são adequados e ideais para representarem a vida cultural de um povo sem deixar de considerar sua complexidade e humanidade.

4 A arte e a tragédia

No decorrer de seus estudos e leituras de obras de Schopenhauer e Wagner, Friedrich Nietzsche via os gregos cada vez mais diferenciados e especiais, uma vez que propunham que a história da humanidade estava situada em uma dualidade entre a destruição e a criação. E é justamente daí que Nietzsche concebe seu conceito de “destruição criadora”, o qual busca representar e denotar a evolução e o progresso da sociedade por meio do conflito, que selecionava os melhores e mais evoluídos seres humanos.

Fundamentando-nos na dualidade grega para uma nova percepção sobre o conflito supracitado, parece-nos exequível apreender que Nietzsche apropriara-se dos deuses mitológicos Apolo e Dionísio para que a ideia da tragédia grega como a forma mais sublime de vivência de um ser, ou mesmo de uma sociedade, fosse concebida. Assim, por meio de suas características, Dionísio representaria o caos, os instintos humanos, a música festiva, bem como a alegria. Já Apolo buscaria representar a tipologia racional, equilibrada e tranquila do ser.

À primeira análise, é provável que nos pareça impossível, então, que haja uma evolução humana na presença de deuses opostos, uma vez que um anulava a ação e força do outro. Entretanto, é justamente tal justaposição de

⁸ Descendente de uma família prussiana nobre, reuniu-se com Nietzsche pela primeira vez em 1861, ajudando-o posteriormente com afazeres pedagógicos, como ao auxiliá-lo na correção de provas.

forças que viabiliza a atitude progressista do resultado, tendo em vista que o conflito resulta, conseqüentemente, na sobrevivência do melhor.

Desse modo, sendo o deus Apolo empossado de características sóbrias e racionais, poderíamos considerá-lo presente nas artes plásticas⁹, uma vez que esta preza por características de metrificação e simulacro da realidade.

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [Bildner], a apolínea, e a arte não-figurada [unbildlichen] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; [...] (NIETZSCHE, 1992, p. 27)

Embora o discurso de Nietzsche sobre o conflito e a oposição de forças para a evolução humana, a partir da mitologia, nos pareça demasiadamente abstrata, ou até mesmo absurda *a priori*, é necessário que busquemos uma relação temporal de quando Nietzsche iniciara seu interesse, bem como sua produção, sobre a “destruição criativa”.

Dessa maneira, ser-nos-á possível perceber que esta converge para seu conhecimento sobre as teorias evolutivas darwinianas. Para ratificar essa possível conexão, basta dirigirmos nosso olhar para a crítica de Nietzsche sobre a obra “A antiga e a nova fé” (1873), de David Strauss, o qual se empenha em demonstrar uma ruptura entre o pensamento criacional judaico-cristão e a teoria evolucionista de Charles Darwin.

Nietzsche, ao fazer críticas a tal obra, direciona-se à problemática de que Strauss (como todos que passam a “crer” na ruptura) deixa de lado somente a crença cristã, uma vez que a moral (parte indissolúvel da fé) continua a ser guiada por estruturas hierárquicas e culturais da Igreja, como a assimilação e apontamento de conceitos como “bem” e “mal”.

É a partir daí que Nietzsche voltar-se-á para pensar a moral de um novo mundo (darwiniano) que buscará a evolução por meio da disputa, do conflito e da competição. Sendo assim, aspectos instintivos serão considerados de forma expressiva por Nietzsche ao discorrer sobre a “vontade de potência”, por exemplo.

Nietzsche, em sua transitoriedade teórica constante ao longo da vida, encontrou oposição àquele que muito admirava e tinha como exemplo. Logo em 1876, o distanciamento do filósofo alemão do músico Richard Wagner já era quase um fato. É possível melhor compreendermos tal afastamento pela finalidade que Wagner gostaria de dar a suas obras, já que, segundo o próprio Nietzsche, o músico alemão propunha a criação de obras que propusessem o rompimento de estruturas já pré-concebidas e paradigmas. Entretanto, ao executá-la, Wagner fixava-se de forma pétrea às suas próprias ideias, conceitos e teorias para aplicação; contradizendo, assim, o propósito inicial de suas obras de libertação de teorias e percepções já viciadas.

Por meio de suas ideias sobre a forma de evolução humana, Nietzsche acreditava que a compaixão, o sofrimento voluntário e a resiliência passiva eram características que obstruíam o desenvolvimento do ser, uma vez que este voltava seu olhar para o decadente, não buscando volver seu olhar adiante. É justamente tais características que o filósofo do martelo atribuía à “Persifal”, de Wagner, obra que simboliza o afastamento de Nietzsche e Wagner.

5 O início da queda

Dentre as várias mulheres da vida de Nietzsche, encontra-se com maior destaque a figura de sua irmã, Elisabeth; de sua mãe, Franziska, bem como a de Malwida von Meysenbug. Esta última, nascida em 1816, teve o primeiro contato com Nietzsche em 1872, no festival Bayreuth. Sendo adepta à filosofia de Schopenhauer, bem como à música e literatura de Wagner, Malwida encontra fortes pontos em comum com o filósofo alemão, tendo os laços estreitados durante toda a vida, mesmo com as oposições posteriores que Nietzsche exercia a Wagner. Essa amizade somente terminou quando o filósofo do martelo escreve e publica um livro intitulado “O Caso Wagner” (1999), fazendo com que, assim, Malwida se afastasse de Nietzsche pelos argumentos infundamentados proferidos contra o músico.

Em 10 de abril de 1876, Nietzsche, em troca de cartas com Von Malwida, expressa sua necessidade de deixar a Universidade da Basileia por causa de sua frágil saúde, a qual se encontrava cada vez pior. Outro motivo que Nietzsche acrescenta para tal ato era o empecilho que o trabalho estava sendo por lhe tomar tempo em seus novos projetos para escrita. Ainda na mesma carta, Nietzsche revela intenções em se casar o quanto antes.

⁹ As artes as quais Friedrich Nietzsche aborda são de caráter impressionista; a qual pretende ir ao encontro da perfeição e realidade de formas e cores, para que se torne bela.

Poucos dias depois, parte da carta foi concretizada por Nietzsche ao deixar o meio acadêmico. Entretanto, no dia primeiro de setembro, retorna à universidade (com todas suas funções anteriores) e, logo ao final do ano, é obrigado a deixar suas aulas; fixando-se somente em suas funções de palestrante por debilidade física.

Desse período em diante, Nietzsche inicia viagens entre Suíça, Alemanha e Itália, com o intuito de encontrar um local adequado que favoreça suas condições de saúde. No inverno de 1878-1879, por exemplo, o filósofo alemão parte para Gênova, buscando um clima mais ameno. Entretanto, volta após esse período pior do que estava.

Podemos direcionar a frágil saúde de Nietzsche não somente à sífilis que teve ainda jovem, como também ao seu descuido total com sua condição, não realizando assim nenhum tratamento que pudesse fazer com que tal doença não se manifestasse tão severamente. O ápice consequencial de sua má saúde viria em abril de 1879, forçando-o a pedir demissão da Universidade da Basileia.

Focando-nos ainda a contextualizarmos apreços e desapeços de Nietzsche, bem como para compreendermos o distanciamento total entre Nietzsche e Wagner, é necessário que consideremos um episódio marcante na vida de ambos, que romperia em definitivo o apreço mútuo existente até então entre filósofo e músico.

Tal cena inicia-se em 1878, no momento em que Wagner presenteia o filósofo do martelo com um exemplar de “*Persifal*”, que acabara de ser publicado. Em maio do mesmo ano, Nietzsche retribui o presente de Wagner com sua obra “*Humano demais humano*” (2000) assim que saíra a versão final. Após o recebimento, Wagner escreve uma crítica à obra que ganhara de Nietzsche, no jornal *Bayreuther Blätter* (o qual representava o movimento de expressão wagneriana), no final de 1878. Para Wagner, ao escrever sua filosofia, faltava foco e discernimento a Nietzsche ao escolher temáticas que este não possuía conhecimento suficiente.

É possível perceber ainda críticas de Wagner reveladas por uma carta a Overback nesse mesmo período. Segundo o documento, a maneira de baixa qualidade que Nietzsche escrevera, tendo um compilado de fragmentos (aforismos) como conteúdo e uma linguagem iniciada na poesia, pode ter sido afetada por suas doenças e debilitações mentais. Tais insinuações carregavam consigo ligações com problemas de saúde que Nietzsche passara meses atrás, insinuando uma falta de saúde mental e cognitiva de Nietzsche para exercer a função de pensador e filósofo. *A posteriori*, Nietzsche escreveria sobre Wagner e sua decadência literária e musical por expressar somente “preocupações” superficiais da modernidade.

5.1 *Solidão e novos conceitos*

Ainda nessa fase da vida de Nietzsche é possível percebermos a existência de uma solidão e introspecção ascendente, as quais foram expressas por meio de uma carta do filósofo a Rohde, no dia 01 de Novembro de 1887. Este estilo de vida que Friedrich Nietzsche adquiria, gradativamente, reflete considerável parte de sua forte personalidade, marcada por debates, busca por quebrar todo e qualquer paradigma, bem como a intolerância religiosa e moral que este possuía.

Com essa solidão, Nietzsche passara a maior parte de sua vida acompanhado de suas ideias, conclusões, discordâncias, afirmações, precipitações e discussões, ao invés dos amigos e família. Se considerarmos suas obras como resultado de suas reflexões, é exequível então sugerirmos como tese que a biografia de Nietzsche pode ser encontrada por meio de seus próprios escritos, uma vez que o caderno e suas ideias eram seus amigos mais constantes e próximos.

Dentre os lugares para os quais Nietzsche mudava-se constantemente para encontrar consigo mesmo, faz-se presente a figura da alta Engadina, localizada no leste dos alpes suíços. Local este que foi o maior refúgio de Nietzsche, uma vez que o contato com a natureza e consigo mesmo, sincronicamente, se fará possível. Para o já crescido Fritz, aquela região era a perfeita combinação entre ar puro e solidão, além de sua magnífica vista para as montanhas.

Nietzsche, a partir de sua obra “*Humano Demasiado Humano*” (2000), publicada em 1978, transmuta seu olhar para uma diferente problemática, a qual se desenvolverá pela concepção da “morte de Deus”. Tal tese partirá da falha deixada pelo discípulo de Hegel, David Strauss, em sua obra “*A antiga e a nova fé*” (1873), na qual, ao discorrer sobre a mudança de concepções da humanidade sobre existência e origem (causada pela introdução das teorias Darwinistas), não se preocupa em tratar sobre possíveis reestruturações morais, cometendo um grande equívoco, tendo em vista a base moral que rege em qualquer religião.

Desse modo, sem tal readaptação moral, a dualidade proposta por Nietzsche estaria presente por meio da figura da Moral do Senhor e da Moral do Escravo. O primeiro busca a completude, a afirmação da vida, bem como a afirmação de si mesmo. Para o Senhor, a vontade de poder deveria estar sempre presente, criando seus próprios valores e condutas, não se rebaixando assim a leis propostas por outrem. Já o segundo com sua negatividade e medo da vida,

torna-se submisso, invejoso e somente desenvolve potência reativa, ou seja, para atuar em contra-ataque a infortúnios que lhe acontecerem.

Sendo assim, o filósofo do martelo inicia sua reflexão voltada à apreensão de aspectos da área da psicologia. Nessa perspectiva, sua análise permeará expressões inconscientes sobre a “vontade de poder” (tendo assim um caráter mais que reflexivo); intenções inferenciais na execução de específicas tarefas pelo ser humano, todavia sem se utilizar de explicações metafísicas. Para isso, Nietzsche apropria-se de três elementos para sua percepção do exercício de poder: o artista, o filósofo e o humilde. A partir destes, será possível compreender elementos morais criados pelo ser humano como resultado da vontade de poder presente em si.

O artista, entre várias formas possíveis, conseguia dominar por meio da poesia, a qual exercia força sobre o coração. O filósofo exercia poder por meio das afirmações em sua filosofia, fazendo com que esta, passasse a se tornar dono de, ao mesmo tempo, descoberta e verdade. Buscando embasamento de oposição na própria bíblia, Nietzsche aborda a personalidade do humilde; mostra que o ato de sua humildade vai ao encontro de reconhecimento e admiração por seu ato (mesmo que à primeira vista pareça o contrário), fazendo com que busque o poder, assim como o artista e o filósofo o fazem.

Seguindo tal linha de pensamento, é possível percebermos que o filósofo, o artista e o humilde, ao exercerem suas “funções”, estão emitindo juízo de valor. Por meio disso, Nietzsche inicia uma reflexão crítica sobre juízos de valor, bem como de que modo se elabora e se estabelece a dualidade bem *versus* mal em determinadas situações.

Friedrich Nietzsche ainda aborda a vontade de poder expressa na figura do amante e do renunciador. Podemos compreender o primeiro como aquele que busca exercer poder sobre o outro por meio do amor (prerrogativa utilizada para a tomada de posse de um para com o outro ao estender seus “domínios” para além de si mesmo). Já o último, apesar de parecer à primeira vista como aquele que abdica de algo, é admissível compreendermos seu inverso sob uma análise mais profunda; uma vez que se retira de um posto que não o faz influente o bastante, para se liberar a novas e maiores possibilidades de efetuar sua vontade de poder, conforme a possui.

Tendo em vista que até então os conceitos de maldade e bondade (considerados e seguidos pela sociedade ocidental) eram pautados na moral cristã, o filósofo alemão perceberá que o mal está ligado a tudo que advém da natureza do ser humano, de forma “crua” e instintiva. Já o bem, *a priori* concebido como o oposto de mal, será visto por Nietzsche como o mal sublimado, ou seja, o que há na natureza humana, entretanto de forma alterada e ritualizada.

Além de tais conceitos opostos negarem a própria natureza humana, para Nietzsche são ainda mais prejudiciais para a evolução do ser humano pelo fato de que estes não são colocados pela “Moral do Senhor” para reflexão e crítica; fazendo com que assim, estruturas e hierarquias não sejam questionadas, rompidas, destruídas e reconfiguradas.

Foi sobre o bem e o mal que até hoje refletimos mais pobremente: esse foi sempre um tema demasiado perigoso. A consciência, a boa reputação, o inferno, e às vezes mesmo a polícia, não permitiam nem permitem imparcialidade; é que, perante a moral, como perante qualquer autoridade, não é permitido refletir e, menos ainda, falar: nesse ponto se deve — obedecer! Desde que o mundo existe, nunca uma autoridade quis ser tomada por objeto de crítica; e chegar ao ponto de criticar a moral, a moral enquanto problema, ter a moral por problemática: como? Isso não foi — isso não é — imoral? (NIETZSCHE, 2004, p. 15-16).

Essas concepções podem ter ratificação por meio de afirmações em sua obra denominada “Aurora” (2004), na qual Friedrich Nietzsche reflete sobre a atual caracterização de bem e mal. Após essa reflexão, é proposta ainda uma problematização do limite entre bem e mal, chegando a considerações de que o bem e o mal não são opostos, mas sim paralelos, tendo a sublimação como seu divisor. E é dentro dessa desnecessidade de sublimação sobre o mundo que Nietzsche afirma que nós “devemos novamente fazer desaparecer do mundo a abundância de falsa sublimidade, porque é contrária à justiça que as coisas podem reivindicar! Por conseguinte, é preciso não procurar ver o mundo com menos harmonia do que realmente tem.” (NIETZSCHE, 2004, p. 23-24)

Tal afirmação do filósofo de Röcken será um ponto chave para a compreensão de sua proposta de uma nova moral, na qual o conceito maligno (criado, segundo Nietzsche, pela cultura cristã e correspondente à natureza humana), será aquele que deve ser seguido, uma vez que este advém não de ideias, mas sim da natureza do homem em si; não sendo guiada por interesses ou busca de poder.

Além do mais, para que haja uma possibilidade de evolução do homem (tendo em vista a conexão de Nietzsche com as teorias de Darwin), é necessário que a natureza seja seguida e defrontada por nós, a fim de buscarmos, como na própria evolução das espécies, a progressão por meio do conflito natural, o qual, para Nietzsche, tratava-se da própria de “tragédia grega”.

Assim, podemos compreender como finalidade central da obra “Humano Demasiado Humano” (2000) a explicação da:

realidade sem depender de conceitos metafísicos, e por meio disso chegar a um conhecimento das precondições da cultura. Seu método é o “experimentalismo”. Sua tendência geral é no sentido de abolir as qualidades superiores (aquelas que supostamente poderiam ter uma origem supraterrânea) entendendo-as como transformações das qualidades “inferiores” (isto é, aquelas que as pessoas têm em comum com os animais). A qualidade em particular que parece ter maior possibilidade de desenvolvimento é o desejo de poder. Neste aspecto, *Humano, Demasiado Humano* é verdadeiramente, um primeiro estágio de uma bastante específica e compreensível filosofia nietzschiana (HOLLINGDALE, 2015, p. 151).

5.2 O sofrimento como inspiração

Como mencionado anteriormente, Nietzsche passou a sofrer dores físicas, mentais e emocionais cada vez mais em sua vida, principalmente durante a elaboração de “Humano demasiado humano” (2000). Dessa forma, a ligação do filósofo com sua própria filosofia era progressivamente mais forte, pois somente esta fazia-o prosperar e ganhar força perante dificuldades corporais que aumentavam cada vez mais.

Além do conhecimento, Nietzsche buscou administrar, por meio de suas viagens constantes, o sofrimento gerado por dores e acontecimentos. Em 1880, por exemplo, o filósofo do martelo iniciou o ano em Naumburg, mudando-se em 26 de janeiro para a cidade italiana de Riva, junto com o músico e seu amigo Peter Gast. Em 13 de março, volta a transferir sua residência para Veneza, para a própria casa de Gast. Passado três meses, no dia 29 de junho, dirige-se sozinho para Marienbad, localizada na região da Boêmia, retornando à sua casa familiar (em Naumburg) no início de setembro. Após um mês fixado, dirige-se à comuna italiana de Stresa em dia 8 de outubro; finalizando o ano em Gênova, semanas depois.

A companhia de Gast, tida por Nietzsche em 1880, deu-se pela grande dificuldade de locomoção que sofrera desde o verão de 1879 até o início do ano seguinte, sempre tendo sua situação piorada com a chegada do inverno. Assim, era estritamente necessário que o filósofo alemão estivesse acompanhado por alguém próximo para diálogo e apoio físico e psicológico.

Paul Reé¹⁰ fizera o convite de companhia a Peter Gast, o qual, aceitando sem restrições, passa um período de meses na presença do filósofo, sempre o requisitando para que pudesse dialogar sobre diversificadas temáticas.

Entretanto, com o passar do tempo, Gast começa a padecer de dificuldades de relacionamento, uma vez que Nietzsche, enquanto companhia, exigia a presença integral do músico para debates, andanças e até mesmo tocar piano para inspiração própria. A presença do filósofo do martelo havia se tornado tão pesada para o tocador que, quando Nietzsche partiu em direção a Marienbad, houve uma sensação de alívio e tranquilidade para Gast, que já não conseguia suportar o tamanho fado.

Ao longo do período de 1880-1882, Nietzsche escreve duas de suas grandes obras: “Aurora” (2004), a qual foi terminada no inverno de 1881 e publicada em junho seguinte, bem como a obra “Gaia Ciência” (2001), grande parte escrita no inverno de 1881-1882. Ao contrário de sua primeira obra literária, “O Nascimento da Tragédia” (1992), as demais obras de Nietzsche não foram consideradas importantes e significativas obras para o meio acadêmico de sua época. Entretanto, Nietzsche sempre afirmou que a “Gaia Ciência” (2001) consistia em seu livre pensamento de seis anos, podendo ser, esta assim, considerada uma estremadura temática e discursiva nas obras do filósofo.

Se considerarmos a tecnicidade e exatidão de Nietzsche ao escrever suas obras durante a sua vida, é possível considerar uma ascensão poética a partir de sua obra “Humano demasiado humano” (2000), ainda permeada de um cientificismo exato, bem como uma escrita fria e vaga, em que o filósofo alemão já concede raras vezes um discurso apaixonado. Exemplo está no aforismo intitulado “Demasiado e muito pouco”, por exemplo, ao tratar sobre uma das problemáticas do mundo moderno: “Agora as pessoas vivem muita coisa e pensam muito pouco: têm fome e cólica ao mesmo tempo, e por isso emagrecem cada vez mais, ainda que muito comam. – Quem agora diz que nada viveu é um imbecil.” (NIETZSCHE, 2000, p. 255)

Já sua posterior obra, “Aurora” (2004), utiliza-se de um estilo bem mais expansivo e caloroso. Tal progressão terá seu ápice expressivo em “Gaia Ciência” (2001), na qual encontramos um conjunto de expressões indo da

¹⁰ Leitor e seguidor de Schopenhauer, Reé tem aproximação com Nietzsche a partir do momento que escreve uma obra voltada a reflexões psicológicas. Esta fará com que a proximidade entre os dois fortifique e chegue a ponto de compor um triângulo amoroso com Lou Salomé.

precisão de “Humano demasiado humano” (2000) à paixão entusiasmada de “Assim falou Zaratustra” (2011), o qual evidenciaria seu estilo e debates como o conceito de Eterno Retorno.

Sendo assim, nas inúmeras transições discursivas no decorrer dos escritos de Nietzsche ao longo de sua vida, a busca por definir um novo sentido para o homem num mundo que perdeu a direção é constante. Desde seus escritos sobre a Educação, bem como “O Nascimento da Tragédia” (1992), até suas obras epilogas como “Aurora” (2004) e “Humano demasiado humano” (2000), somos capazes de compreender tal intencionalidade do filósofo alemão.

5.3 *Grandes certezas e incertezas*

Ainda que não haja estudos profundos sobre tal influência, faz-se exequível percebermos que o ano de 1882 foi um dos marcos da vida de Nietzsche, tendo em vista o início de novas perspectivas sentimentais e de relacionamento que o filósofo do martelo alimentara durante a época.

Podemos contextualizar tal referência por meio de um convite recebido por Nietzsche de Paul Reé para que pudesse se agregar como o segundo “irmão” de Lou Salomé, ou seja, um de seus amantes, além do próprio Reé. Tal convite foi aceito imediatamente pelo filósofo, fazendo com que a aproximação de Nietzsche com novos contatos e enredos tornasse-o menos solitário.

Entretanto, pouco tempo depois de aproximação e intimidade entre Nietzsche e Lou Salomé, o filósofo, apaixonado, propõe casamento à jovem mais de uma vez, sendo, em todas estas, rejeitado. Salomé não tinha intenções de casamento com ninguém naquele momento, segundo ela própria respondera a Nietzsche.

O desenrolar do relacionamento amoroso de Nietzsche, Lou e Reé, provocou grande resistência e oposição por parte de sua amiga Malwida e de sua irmã Elisabeth, a qual se posicionara vigorosamente contra, pois ambas acreditavam que a moça do trio estava com más intenções ao realizar tal feito.

Seguido algum tempo, as intenções de casamento de Fritz com a amante continuavam, fazendo Paul Reé logo se alertar para um possível rompimento da relação da tríade, caso o matrimônio se confirmasse. Assim, Reé providencia o mais rápido possível programar uma viagem com Salomé às escondidas, com o intuito de afastar Nietzsche da moça. Tal ação, após concretizada e descoberta por Nietzsche, causa ira e frustração no filósofo do martelo, fazendo com que o esperado por Paul Reé acontecesse: o triângulo amoroso se rompesse.

Partindo da premissa de que mesmo a mais ficcional história revela implicitamente a personalidade e vida do escritor, é possível percebermos a solidão de Nietzsche ao longo de sua vida por meio de suas obras e escritos, como em “Humano, Demasiado Humano” (2000), por exemplo, que em seu último capítulo, intitulado “O homem sozinho consigo mesmo”, revela traços de introspecção reflexiva. Para mais, tal insulamento poderá ser também perceptível na obra-prima, “Assim falou Zaratustra” (2001), ao refletir-se no próprio profeta no momento em que este diz ter somente ao seu lado a águia e a serpente ao caminhar sozinho em praça pública.

Além de novas ideias e concepções, a metade final da vida de Nietzsche direcionou-se também à resolução da problemática deixada por Strauss em sua obra sobre a nova fé em um novo mundo pautado nas teorias darwinistas. Para o filósofo do martelo, sendo este mundo pautado não mais no criacionismo, mas sim no evolucionismo, foi possível que três hipóteses pudessem ser propostas: primeiramente, no lugar da figura divina (Deus), o super-homem seria o substituto; segundo, ao invés da graça divina, teríamos a vontade de potência como possibilidade de mobilização e ascensão do homem sem a necessidade um apoio metafísico; e, por fim, no lugar de vida eterna, estaria presente o Eterno Retorno, o qual teria a possibilidade de estender a vida do homem por meio da sua busca em retornar sempre onde se sentira bem, assim gerando ganho de potência de vida.

Ao caminhar para seus últimos anos de vida, Nietzsche encontrava-se cada vez mais certo de sua grandiosidade e firme sobre seus pontos de vista. Caso consideremos seus discursos sobre Wagner, bem como seus pontos de vista invariáveis, poderíamos inferir que Nietzsche acaba por fim caminhando para o mesmo erro da certeza do próprio músico.

Considerando tais mudanças e posteriores afirmações fixas de Nietzsche sobre suas ideias, seremos capazes de observar certo repúdio de suas obras por acadêmicos, e até mesmo por amigos, como no caso de Rohde, ao afirmar que a obra “Para além do bem e do mal” (2005) do filósofo do martelo soava pueril e de aversão a tudo e a todos. Além do mais, Rohde expressa que tudo em tal obra escorre como areia entre os dedos, não deixando nada mais que o orgulho do escritor por ele mesmo. Comentários e considerações desse escalão sobre Nietzsche têm início em 1885, ano que a expressividade do filósofo alemão se torna mais intensa e apaixonada.

Tendo como ponto inicial sua idiossincrasia, perceberemos que Nietzsche cada vez que se aproxima mais da velhice, afasta-se ainda mais de pessoas do seu círculo de convívio, tanto por seu xenofobismo ideológico quanto por

seu medo inconsciente de errar e ser decepcionado. Desse modo, em meio a tantas dificuldades sociais que Nietzsche criava e passava, passa a nós, apreciadores de sua vida e obra, quase por despercebida a figura dos amores na vida do filósofo que tudo queria destruir.

Apesar de Nietzsche nunca ter sido um galante ou mesmo conquistador, é exequível levarmos em consideração a existência de casos amorosos na vida de Fritz. Estes encontros e mantimentos aconteciam secretamente, tendo em vista a sua maneira cada vez mais reservada, principalmente após o ingresso e “conversão” na Universidade de Bonn, orientando-se para o caminho das ideias.

Sabe-se que o último dos flertes de Nietzsche acontecera com Lou Salomé, a qual acabou rompendo o triângulo amoroso com Nietzsche após fugir com Paul Reé sem comunicar-lhe. Além de Salomé, é sabido que o filósofo do martelo, ainda estudante, freqüentava, amiadamente, prostíbulos na cidade de Colônia, atitude que o levou a contrair a doença que arrastaria consigo até o final de sua vida.

Outro ponto importante e inadiável da vida do filósofo Friedrich Nietzsche, em relação a certezas e incertezas, fora sua aversão ao antissemitismo durante toda sua existência, uma vez que tal corrente ideológica encontrava-se em progresso constante e intenso não somente na Alemanha, como em toda a Europa.

Esse sentimento de Nietzsche contra o preconceito foi fortificado ainda mais com a contribuição da posição ideológica negativa de sua irmã Elisabeth, a partir do momento que esta se mostrou favorável ao antissemitismo crescente. Não sendo suficiente, casa-se, posteriormente, com Bernhard Förster, um dos homens mais conhecidos de sua época por seu ódio aos judeus na Alemanha.

Além da própria irmã, Nietzsche teve problemas com a publicação de seus livros, uma vez que a editora na qual estava inserido pronunciara-se, por um discurso pessoal do dono, antissemita. Determinado ato fez com que o filósofo do martelo buscasse uma nova editora para que não tivesse seu nome manchado pelo vínculo ideológico editorial.

Apesar de toda sua prudência para não ter seu nome e filosofia veiculados a ideologias xenofóbicas, e sucessivamente nazistas, Nietzsche foi associado *a posteriori* com doutrinas de purificação de raça, ao ter proposto uma “raça superior”. Podemos perceber, por tal afirmação ingênua, que todo o contexto construído e vivido pelo filósofo do martelo (com base em ideologias darwinistas), bem como a mudança de perspectivas de crenças refletidas por isso, foram ignoradas. Dentro dessa usurpação filosófica, podemos considerar Elisabeth, como aquela que primeiro iniciou um desvio interpretativo na finalidade das obras de seu irmão, movida por interesses financeiros próprios.

5.4 Ano de mudanças

O ano de 1888 foi divisor de águas para Friedrich Nietzsche, tendo em vista que fora, ao mesmo tempo, seu último ano de produções, mas também seu primeiro ano de reconhecimento como filósofo e escritor. É possível perceber a satisfação do filósofo do martelo pelo reconhecimento adquirido e por sua boa saúde revelada por meio de cartas suas a Overback, Gast e à sua mãe. Entretanto, mal sabia Nietzsche que a virada de ano dar-lhe-ia o pior colapso mental de sua vida, levando-o à degeneração mental completa até à morte.

Levando em conta esse trágico acontecimento, é possível que possa haver discussões e divergências quanto à integridade das obras escritas por Nietzsche na véspera do surto psíquico. Entretanto, tal tese cai sobre si mesma a partir do momento em que observamos a inexistência de contradições para com suas próprias ideias construídas anteriormente, nem mesmo a adição de novas idéias, que poderiam trazer novos sentidos e uma nova configuração à sua filosofia.

É possível afirmar que as temáticas abordadas, bem como os pontos de vista defendidos por Nietzsche ao apresentar suas teorias em seus últimos escritos, foram apresentadas anteriormente, tendo sua forma descompromissada e poética de narrativa como únicos aspectos de divergência nos novos registros.

Mediante seus conceitos cada vez mais permeados de poesia, que afloraram com seu amadurecimento filosófico, é possível perceber que Nietzsche buscava pela criatividade vital e artística a evolução do próprio ser humano, a partir do momento que este procurava dar uma alcunha única a si próprio. Para o filósofo, era essencial, também, nessa busca pela evolução e encontro de si mesmo, que houvesse o reconhecimento das próprias fraquezas; identificando-as e aceitando-as.

Sendo assim, considerando a busca do ser humano por evolução, o Cristianismo, segundo Nietzsche, estaria na contramão desse processo, pois busca “extirpar” tudo o que lhe é falho, fraco, natural, como a mentira, o sexo, a raiva, a inveja, a ira e a gula. Esses, para Nietzsche, advinham de um conflito natural interno e externo necessário, nos quais o homem buscava incessantemente sua evolução e não perecimento.

O rompimento de Nietzsche e Wagner deu-se oficialmente por parte do filósofo alemão também no ano de 1888, tendo sua obra “Nietzsche contra Wagner” (1999) como o marco principal da ruptura não somente afetiva, como também ideológica. É passível de afirmação que grande parcela do ato segregacionista de Nietzsche deu-se pela raiva, antipatia, ciúmes e inveja do músico Wagner, uma vez que este se encontrava em ascensão cada vez mais enfática em sua carreira, com reconhecimento musical e literário, enquanto Nietzsche, mesmo com a elaboração de suas grandes teorias, continuava com um reconhecimento acadêmico simplório e ainda discreto.

É válido lembrarmos que não somente o destaque de Wagner fez com que este se destacasse e atraísse atenção negativa de Nietzsche para tal feito, como também o escrito no jornal que o músico fizera dez anos antes, em 1778, criticando o livro “Humano Demasiado Humano” (2000) de Nietzsche.

A crítica proferida por Richard Wagner em público no jornal, como já relatado anteriormente, trazia incompreensão e repúdio às abordagens de variados assuntos que Nietzsche discorrera, bem como aos aforismos nos quais esses assuntos eram escritos. Wagner atribui essa determinada forma confusa de escrita de Nietzsche à sua deterioração mental e física, as quais o perturbaram ao escrever grandes obras outrora escritas.

5.5 O nascimento do crucificado

Posteriormente, no dia 3 de janeiro de 1889, Nietzsche sofreria o maior e último colapso mental de sua vida, o qual lhe retiraria a completa sanidade mental e possibilidade de produção, interação e até mesmo da própria autonomia.

O acontecimento teve como causa uma súbita raiva do filósofo alemão, ao presenciar cenas de agressão do cocheiro para com seu cavalo, ao dar-lhe chicotadas sem causa. Tal ação fez com que Nietzsche atravessasse a rua e fosse diretamente rumo a seu cavalo, com o intuito de protegê-lo e, ao mesmo tempo, repudiar aquele que praticava tais opugnações.

Assim, ao abraçar o pescoço do animal, o filósofo cai subitamente no chão, perdendo a consciência. Nesse momento, uma multidão se reúne em volta de Nietzsche para que pudessem compreender o que estava acontecendo, uma vez que o acontecido fora de forma inesperada e imediata.

Após um tempo sem consciência, Nietzsche desperta de sua situação preocupante. Entretanto, imerge em uma mais preocupante e trágica ainda, uma vez que todo seu conhecimento de si mesmo se esvaiu naquele momento, sobrando somente duas personalidades a qual o próprio filósofo se denominava: “Dionísio” e “O Crucificado”.

Tais termos não se restringiram em aparecer em suas falas, como também em suas breves cartas escritas a Peter Gast, Malwida, Rohde e Overback. Uma carta escrita a este último foi causa de um “diagnóstico clínico”, feito pelo médico psiquiatra sr. Wille, que ao ler a carta apresentada por Overback (no dia 7 de Janeiro do mesmo ano), recomendou que buscasse um sanatório urgentemente para Nietzsche.

O conteúdo desse escrito trazia elementos como: “Embora até agora, você tenha demonstrado pouca fé em minha capacidade de pagamento, ainda espero provar que pago minhas dívidas – por exemplo, com você [...]. Acabo de mandar fuzilar todos os antissemitas [...] Dionísio.” (HOLLINGDALE, 2015, p. 272).

As cartas de Nietzsche não se limitam aos mencionados anteriormente, como também ao professor Burckhardt ao trazer um conteúdo mais extenso e ainda mais confuso.

No fim das contas, preferia bem mais ter sido professor na Basileia do que Deus; mas não me atrevi a levar tão longe meu egoísmo particular a ponto de negligenciar a criação do mundo por causa disso. Veja, é preciso fazer sacrifícios, não importa como e onde se viva [...] Ando por aí com meu casaco de estudante, bato no ombro deste ou daquele e digo: *siamocontenti? Sondio, hofattoquesta caricatura* [...] O resto é para Frau Cosima [...] Ariadne [...] De tempos em tempos acontece alguma mágica [...] Mandei acorrentar Caifás; e no ano passado fui crucificado lentamente pelos médicos alemães. Dei fim a Wilhelm, Bismark e a todos os antissemitas. Você pode fazer qualquer uso desta carta que não diminua meu conceito junto às pessoas da Basileia (HOLLINGDALE, 2015, p. 272).

No dia 10 de janeiro, Nietzsche é levado, a pedido do médico Wille, à sua clínica de nervos, na Basileia. Apesar de estar mais sadio fisicamente, o filósofo do martelo apresentava um colapso mental total, sendo isso perceptível em um pequeno diálogo entre o médico e o filósofo para compreender o que poderia ter acontecido.

Percebendo a necessidade de uma intervenção psiquiátrica no caso de Nietzsche, que já houvera sido anunciada, Wille providencia a internação do filósofo, o qual permaneceu até dia dezessete do mesmo mês. Entretanto, poucos dias ficou Friedrich Nietzsche internado lá, pelo fato de que sua mãe, Franziska, chegou no dia quatorze em busca de levar seu filho embora. Na negação do médico psiquiatra, a mãe de Nietzsche pede que, pelo menos, o filho fosse transferido para uma clínica mais próxima de sua residência.

Tendo a ajuda de Overback para tal feito, Nietzsche foi transferido no dia 17 de janeiro de 1889 para a clínica universitária de Jena. Durante a viagem de transposição, Fritz, apesar de calmo no início do trajeto, passa a se tornar agressivo contra sua própria mãe, permanecendo agitado e nervoso o restante da viagem.

Ao final da viagem, Overback volta à Basileia e, ao lembrar do amigo Nietzsche naquela situação, escreve uma carta a Peter Gast expressando seu pesar e descontentamento com a situação degradante e terminal daquele que já tivera uma grande vitalidade e vontade de viver. Além disso, em uma das cartas a Gast, Overback ainda revela sua vontade de que a vida de Nietzsche se esvaísse o mais rápido possível, uma vez que ele não mais existe.

Após o filósofo do martelo fixar “residência” na clínica universitária de Jena, Franziska visitava o filho sempre que podia e lhe era permitido, instalando-se em uma casa na própria cidade para estar mais próxima dele. Assim, persistiu na ideia durante várias semanas em retirar seu filho daquele lugar e levá-lo de volta para casa.

Mediante demasiada insistência, Franziska retira seu filho da clínica no dia 24 de março, residindo com ele lá até 13 de maio, quando voltam em definitivo para Naumburg. Nesse momento, de alguma forma, Nietzsche voltava a se tornar o pequeno Fritz por duas causas: pela incapacidade de viver sozinho, bem como pelo retorno à casa que deixara aos quatorze anos de idade para estudar em Pforta, quando ganhara a bolsa de estudos.

6 O imergir de um gênio

O desazo de Nietzsche em viver sozinho fez com que tanto sua mãe quanto sua saúde se desgastasse muito, uma vez que o filósofo em vários momentos não poupava energia, ou colocava-se como alguém caminhando rumo à velhice. Tanto era dessa maneira, que um dia saía de casa escondido, não tendo desse modo a companhia da mãe, e tirou toda a roupa no meio da rua, chamando a atenção dos policiais que se encontravam próximos da cena. Após que perceberam de quem se tratava, logo se apressaram em levá-lo de volta para casa.

Apesar de diversos episódios de Nietzsche durante os seus últimos onze anos de vida, a vida do filósofo alemão era levada de forma pacata, em repouso e contemplação do nada. Esse fato pode ser compreendido em um compilado de cartas intitulado posteriormente de “Der kranke Nietzsche” (1937), no qual sua mãe escrevera a Overback durante esse período de turbulência retratando o cotidiano de Fritz. Em 1º de outubro de 1893, é relatado a Overback, por exemplo, que Nietzsche estivera grande parte dos dias na varanda, sem se importar com sua debilitação física, tendo a própria situação feita como motivo de graça e chacota pelo próprio filósofo.

É possível, ainda nessa mesma época, compreender por outro olhar a vivência de Nietzsche a partir da vista de Peter Gast para visitar o amigo “crucificado”. Assim, em uma carta a Overback, com a finalidade de situá-lo do contexto em que seu amigo estava passando, afirma que “Nietzsche repousa o dia todo no piso superior, vestido com uma camisola de planela. Tem bom aspecto, tornou-se bastante calmo e fica olhando para frente com uma expressão sonhadora e muito inquisitiva. [...] Quase não me reconhecia mais” (HOLLINGDALE, 2015, p. 281).

A última visita de Overback ao seu amigo filósofo fora no final de setembro de 1895. Nesse momento, o colega de academia encontra a imagem de alguém que se mantinha sob ruínas, não tendo mais se quer a vontade de conversar. Esse último encontro, nas quais as percepções de Overback sobre Nietzsche eram as piores, foi perpetuada por meio de uma carta que enviara a Rohde no dia 31 de dezembro:

Há cinco anos e meio pude caminhar sozinho com ele pelas ruas de Jena durante horas, em que era capaz de falar de si mesmo e sabia muito bem quem eu era; agora o vi apenas em seu quarto, meio encolhido, como um animal selvagem mortalmente ferido que só quer que o deixem em paz, e não emitiu literalmente nenhum som enquanto estive lá. Não parecia sofrer nem sentir dor, exceto talvez pela profunda expressão de desgosto visível somente em seus olhos sem vida. Além disso, toda vez que eu entrava, ele quase sempre parecia estar lutando contra o sono. Havia passado semanas numa condição que alternava um dia terrivelmente agitado, em que chegava ao ponto de urrar e gritar, com um dia de total prostração. Foi num dia assim que o vi. (HOLLINGDALE, 2015, p. 281)

6.1 A mercenária nietzschiana

Sua degradação física total levou onze anos até sua morte. Apesar de Nietzsche ter sido retirado forçadamente da posição de escritor e pensador de sua época por um colapso mental, muitos acontecimentos envolvendo o filósofo aconteceram tendo sua irmã Elisabeth como mentora de tudo.

Após o suicídio de seu marido, em junho de 1889, no Paraguai, a antissemita assumida já pretendia voltar à Alemanha para fundar uma igreja, como também publicar uma obra heroica de seu marido para buscar arrecadação

de dinheiro, uma vez que sua fonte de renda atual encontrava-se em terras portenhas. Assim, Elisabeth inicia uma aproximação de Gast e Overback, os quais já estavam regularizando todos os papéis do filósofo do martelo, com o intuito de conseguir tornar-se herdeira de algumas de suas obras e escritos.

Ao encontrar uma total inviabilidade na busca por direitos ao negociar com Gast e Overback, Elisabeth volta sua atenção e energia para a própria mãe, solicitando-lhe a guarda de Nietzsche, bem como de todo seu arquivo. Tal vontade de sua irmã foi camuflada com uma grande mentira, segundo a qual Elisabeth teria recebido uma proposta de trinta mil marcos pelo arquivo literário de Nietzsche. Entretanto, somente seria feita a transição caso Fritz estivesse sob guarda da irmã.

Assim, em dezembro de 1895, Elisabeth convence sua mãe e recebe a guarda de Nietzsche. Então, para que o “legado” de ideologia nazista em cima do nome do irmão pudesse se concretizar, a irmã do filósofo passou a deturpar não somente interpretações de suas obras, voltada à imagem do “Übermensch” para associar à purificação da raça, por exemplo, como também a própria adulteração do conteúdo de vários escritos avulsos de Nietzsche para tal finalidade.

Tendo a posse de Nietzsche e várias de suas ideias (agora aprisionadas em livros), Elisabeth transfere a “sede” do ideário nietzschiano de Naumburg para Weimar¹¹, onde consegue fortificar-se ainda mais como uma representante do movimento antissemita, o qual crescia na Alemanha, e mais fortemente em sua região.

Em Weimar, o prédio que Elisabeth Förster possuía tinha o térreo como sede do arquivo Nietzsche (lugar que Elisabeth encontrava-se maior parte do tempo); sendo um memorial em nome daquele que estava tornando-se (contra seus próprios preceitos) um defensor da causa antissemita. No andar de cima, encontrava-se o próprio filósofo, que sem consciência, fala ou expressões, repousava sobre uma cama, aos cuidados de uma contratada pela irmã.

Rudolf Steiner¹², ao tratar sobre a dualidade entre os arquivos de Nietzsche e sua presença ainda vivo (autor, mas não dono de tudo aquilo), escreve sobre a

maravilhosa sensação de que – enquanto estávamos ocupados no térreo, organizando seus tesouros manuscritos para o mundo – ele ficava em seu trono na varanda acima em solene imponência, indiferente à nossa presença, como um deus de Epicuro. Quem via Nietzsche nessa época, reclinado em seu roupão branco com pregas, com o olhar de um brâmane em seus olhos grandes e profundos sob as sobrancelhas espessas, com a nobreza de seu rosto enigmático e inquisitivo e o porte leonino e majestoso de sua cabeça de pensador – tinha a sensação de que esse homem não podia morrer, mas que seu olho repousaria eternamente sobre a humanidade e sobre todo o mundo de aparência nessa impenetrável exultação (HOLLINGDALE, 2015, p. 288)

6.2 O educador e o artista

A morte do grande filósofo alemão do século XIX deu-se no dia 25 de agosto de 1900, aos 55 anos. Com quatorze obras publicadas, Nietzsche partira de sua formação escolar e acadêmica para iniciar suas temáticas sobre a cultura grega, a qual foi para Nietzsche um ponto de referência e ao mesmo tempo o objetivo, meta e ápice para a sociedade de sua contemporaneidade.

Tendo cada vez mais experiência sobre as estruturas de inúmeras vertentes da sociedade, bem como a vivência própria sobre estas por meio de seu trabalho, Nietzsche escreveu também sobre educação, assunto este que se tornou muito próximo do filósofo alemão ao unir sua experiência ainda como aluno e, posteriormente, como professor.

Diante de tal tema, Friedrich Nietzsche, situando-se como sujeito localizado no tempo e espaço, direciona sua reflexão e crítica sobre a educação partindo de sua vivência em seu país de sua época. Dessa forma, condena o sistema educacional que estava presenciando pelo fato de que buscava somente interesses estatais e políticos, refletindo tais ações nos parâmetros curriculares e na própria sala de aula em sua prática. Além do mais, a estrutura educacional presente não favorecia a força criadora e conflitante do ser humano, uma vez que os conteúdos eram somente reproduzidos de forma simétrica, memorizada e sem interconexão com a realidade na qual os estudantes estavam inseridos.

Dentro ainda da reflexão educacional, Nietzsche critica o “adestramento” do aluno pelo Estado em benefício econômico próprio, ao preparar discentes para os moldes industriais existentes no país em trabalhos que se compunham

¹¹ Conhecida não somente pelos pensadores e artistas que lá viveram, como Goethe, Schiller; como também por ter ligações diretas com a instauração oficial do nazismo em território alemão.

¹² Steiner (1861-1925) possuía interesses variados nas áreas do conhecimento., Entre suas várias fundações, podemos destacar a Pedagogia Waldorf, ou mesmo a fundação da medicina atroposósica.

de atividades fragmentadas, repetitivas e irreflexivas em sua execução. Por meio de tais debates e ideias, é possível perceber o ensaio de novas propostas de educação, as quais se desenvolveriam, posteriormente, para a reabsorção interdisciplinar do currículo escolar alemão, bem como a ressignificação daquilo que é aprendido pelo estudante, servindo como ponto de partida para a evolução do ser humano a partir da criação de novas próprias pontes de conhecimento.

Logo, se o adestramento pelo Estado era maléfico para a evolução humana, Nietzsche sugere para se desenvolver em sala de aula o adestramento criacional. Este se voltaria para que o ser humano compusesse-se a si mesmo. Ao contrário do adestramento estatal,

o produto deste adestramento não é um indivíduo fabricado em série, adaptado às condições de seu meio... mas um ser autônomo, forte, capaz de crescer a partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas, capaz de mandar em si mesmo [...] alguém que se atreve a ser ele mesmo” (DIAS, 2003, p. 86).

Nietzsche partiu também de sua formação escolar e acadêmica para tratar sobre a cultura e arte gregas como exemplos e metas para a sociedade de sua época, ao buscar a dramaticidade, o conflito, a criação destruidora e a consequente evolução da espécie humana.

Para compreendermos o pensamento de Nietzsche sobre a arte voltada à tragédia grega, é necessário que Apolo e Dionísio, como personalidades opostas (mas ao mesmo tempo fronteirios), sejam consideradas na construção semântica de tal metáfora, uma vez que estarão a serviço do estabelecimento e manutenção do equilíbrio entre o extravasamento e a contenção; elementos necessários e indispensáveis na evolução da espécie humana, segundo Nietzsche.

7 Considerações finais

Mediante o exposto ao longo do artigo foi possível encontrar a construção da personalidade e figura de mais que um filósofo: um humano, demasiado humano, em busca do encantamento com a vida apesar de todas as adversidades físicas, mentais, sociais, acadêmicas, morais, familiares e pessoais.

Desde criança, Nietzsche revela o quão necessário se faz a contradição para a construção de si mesmo; obtendo, por meio disso, sempre a progressão e evolução. Esse contraste constituiu-se por meio: de seus relacionamentos amorosos, de sua relação de amizade e admiração pelo músico Richard Wagner, de seus gostos juvenis e, até mesmo, de aspectos que não lhe foram alcançáveis para atuação; como a contradição da finalidade de suas obras ao cair nas mãos de sua irmã, que as utilizou para a criação e base de um discurso antisemita, o qual Nietzsche era veementemente contra.

Assim, construindo-se, desconstruindo-se, reformulando-se e contradizendo-se, Nietzsche pôde seguir fielmente o que sempre propôs em sua filosofia: nunca se estabelecer em somente uma base de apoio para a vida; uma vez que o ser humano, para buscar sua evolução, deve fazer com que novas ideias sempre possam permear sua frente para que alcance, assim, ares cada vez mais altos e mais puros para reflexão e dúvidas.

Agradecimentos

Ao CNPq e à FAPEMIG, pelo apoio à pesquisa interinstitucional a que este estudo se integra.

8 Referências

- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003.
- DRIJARD, André. *Alemanha: panorama histórico e cultural*. Trad.: António Pescada. Lisboa: Dom Quixote, 1972.
- HOLLINGDALE, Reginald John. *Nietzsche: uma biografia*. Trad.: Maria Luisa de Abreu Lima Paz. São Paulo: EDIPRO, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Aurora: reflexões sobre os pensamentos morais*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- _____. *Ecce Homo: como se chega a ser o que se é*. Trad.: Artur Morão. Covilhã: Lusofonia, 2008. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/nietzsche_friedrich_ecce_homo.pdf> Acesso em: 04 jan. 2017.
- _____. *Escritos sobre educação*. Trad.: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2011.
- _____. *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- _____. *O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *O caso Wagner: um problema para músicos. Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. Trad.: Jacob Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Para além do bem e do mal: uma filosofia para o futuro*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
- STRAUSS, David Friedrich. *The Old Faith and the New*. Trad. Mathilde Blind. New York: Henry Holt and Company, 1873. Disponível em: <https://archive.org/stream/oldfaithnewconfe01_stra#page/n5/mode/2up>. Acesso em: 08 jan. 2017.

Data de submissão: 15/05/2017

Data do Aceite: 12/10/2017